

CHARLES NODIER: EM BUSCA DO TEXTO DEFINITIVO

*Ana Luiza Silva CAMARANT**

Il passait sa vie au milieu des livres, et ne s'occupait que de livres, ce qui avait donné lieu à quelques-uns de penser qu'il composait un livre qui rendrait tous les autres inutiles. (Charles Nodier, Le Bibliomane)

“Um dos temas para o qual sempre se volta o pensamento do velho Goethe é a expressão figurada”, diz Curtius em *Literatura européia e Idade Média latina* (1996, p. 375), mais precisamente no capítulo intitulado “O livro como símbolo”. Em seguida, cita um trecho de Goethe que estaria perdido em suas *Máximas e Reflexões*:

Shakespeare é rico em tropos admiráveis, oriundos de conceitos personificados que absolutamente não nos ficariam bem, mas que neles se justificam, porque, em seu tempo, toda arte estava dominada pela alegoria. Vai colher imagens onde jamais nos ocorreriam, por exemplo, no livro. A arte de imprimir já contava mais de cem anos; não obstante, um livro ainda parecia algo sagrado, como podemos ver pela encadernação da época, e era digno do amor e da estima do nobre poeta. (Apud Curtius, 1996, p. 375-6)

Considerando o fato de o livro aparentar ter ainda, para Shakespeare, um caráter sagrado, Curtius reflete: “onde

* Professora de Língua e Literatura Francesa – Departamento de Letras Modernas – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP.

e quando o livro passou a ser considerado algo sagrado? Teríamos de remontar, além dos livros sagrados do cristianismo, do Islã e do judaísmo, aos do Oriente antigo - a Ásia Menor e o Egito” (1996, p. 377).

Seria preciso, então, considerarmos as diferentes características que assume o emprego da escritura e do livro na linguagem figurada, de acordo com sua manifestação nas diversas épocas da literatura universal. A nós interessa, sobretudo, a metáfora da escritura a partir da Renascença, período em que os homens despertam para a leitura do livro da Natureza ou do mundo. Originária da latinidade medieval, essa idéia tem, a princípio, um ponto de vista teológico segundo o qual a Natureza e o homem são “livros” de Deus; laiciza-se com o tempo, passando ao uso geral da linguagem e tornando-se, rapidamente, um patrimônio comum da poesia, mas mantém essa concepção analógica entre o Ser eterno e sua criação. No século XVIII, Diderot, Voltaire, Rousseau, empregam essa metáfora; a nova poética do pré-romantismo inglês e do Sturm und Drang também a utiliza, legando esse conceito à teoria literária romântica de Jacob Grimm: “A poesia da Natureza pode ser considerada a própria vida em pura ação, um livro vivo, cheio de histórias verdadeiras, que, embora seja possível começar a ler e compreender cada página, jamais se acaba de ler e de compreender” (Apud Curtius, 1996, p. 402).

O livro do mundo não é, pois, totalmente compreensível; na verdade, a Natureza apresenta uma “escrita cifrada”, idéia muito difundida no pré-romantismo alemão, com um sentido equivalente a “escrita hieroglífica”. Curtius assinala que “ambas as metáforas procedem da cultura renascentista italiana e espanhola” (1996, p. 427-8); diz ele que “os humanistas italianos já se ocupavam, desde o princípio do século XV, com os hieróglifos egípcios e com a invenção de novos hieróglifos: ‘imagens sem palavras’”,

cujo principal exemplo é a Hypnerotomachia Poliphili (1996, p. 428).

A Hypnerotomachia Poliphili é o objeto da busca do narrador do último conto escrito por Charles Nodier, Franciscus Columna, publicado em 1844, depois de sua morte. O narrador, um bibliófilo, estando em Treviso, na Itália, encontra-se casualmente com um amigo, o abade Lowrich, também bibliófilo; ambos estão a caminho do estabelecimento de um conhecido livreiro. “La vieille librairie est perdue, morte de mort, anéantie, et les temps barbares sont venus. Mais as-tu quelque chose de particulier à lui demander?”, pergunta-lhe o abade, obtendo a seguinte resposta:

- Je t'avouerai [...] que je quitterais avec peine le nord de l'Italie sans en emporter le Songe de Poliphile dont j'ai entendu parler comme d'une chose très sérieuse, et qui doit, dit-on, se trouver à Trévise s'il se trouve quelque part. - S'il se trouve quelque part, [replica o abade], est une réticence profonde, car le Songe de Poliphile ou, pour s'exprimer plus convenablement, l'Hypnerotomachia de frère François Columna est un livre que les vieux bibliographes désignent par cette phrase caractéristique: Albo corvo rario¹. (Nodier, 1961, p. 883-4)

Por um golpe de sorte, o único livro raro que encontram é, justamente, a Hypnerotomachia Poliphili. Diante da afirmação do abade que diz saber o livro de cor, o livreiro replica: “- Pour le coup ... je vous en défie, car il est écrit dans une langue si hétéroclite qu'il n'est âme qui vive parmi mes amis de Trévise, de Venise et de Padoue qui ait osé entreprendre d'en déchiffrer une page ...” (Nodier, 1961, p. 888). Segundo o abade, o segredo da Hypnerotomachia reside em cada uma das sílabas da frase que traduz a vida interior de Columna: “Poliam frater Franciscus Columna

peramavit. Le frère François Colonne adora Polia” (Nodier, 1961, p. 889). Seria realmente possível de ser decifrada a escrita hermética de Franciscus Columna? De qualquer modo, o mais importante é que o último conto de Nodier é precisamente a história do **livro**, impossível de ser encontrado, impossível de ser decifrado, enfim, o livro ideal, impossível, talvez, de ser escrito.

Em *La Fée aux Miettes* -, um dos mais belos contos de Nodier, escrito em 1832 -, ao completarmos o último círculo do labirinto, que corresponde a seu centro e, ao mesmo tempo, à saída desse caminho intrincado, podemos voltar ao início, como sugere o autor, “en rétrogradant les feuillets que vous venez de parcourir. [...] Vous arriverez ainsi au frontispice, à la garde, à la couverture, c’est-à-dire à la porte d’entrée de ce dédale ennuyeux, et vous pourrez faire voile vers Naxos” (Nodier, 1961, p. 184).

Ali, veremos que o primeiro círculo traçado em redor do relato do protagonista Michel, envolvendo sua narrativa que se desenrola fora do espaço e do tempo, na eternidade das mitologias, passa-se em um plano aparentemente prosaico, apresentando um tom leve e irônico. Assim, o primeiro e o último capítulo se acham ligados não só pelo tom, mas também pelas palavras do narrador exaltando a imaginação. Entretanto, ele não eleva apenas a imaginação acima dos conhecimentos positivos; louva, sobretudo, os livros oriundos da vida imaginativa, da fantasia, ou seja, a literatura escrita - os livros - que tratam do maravilhoso.

Logo nos primeiros parágrafos lemos: “Et qui m’assure aujourd’hui, par exemple, qu’il y a plus de vérité dans Mézeray que dans les contes naïfs du bon Perrault, et dans l’Histoire byzantine que dans les Mille et Une Nuits?” (Nodier, 1961, p. 174). No final do conto, a atenção do narrador, que conversa com um dos seríssimos membros da academia dos lunáticos de Siena, é desviada pelos gritos de

um vendedor ambulante de livros; entre os títulos anunciados está *La Fée aux Miettes*: “Voilà, voilà, messieurs, les superbes aventures de la Fée aux Miettes, et comment Michel le charpentier a été enlevé de sa prison par la princesse Mandragore; comment il a épousé la reine de Saba, et comment il est devenu empereur des sept planètes; les voici avec la figure!” (Nodier, 1961, p. 328-9).

Desse modo, as aventuras fantásticas que foram relatadas pelo herói ao narrador, toda a história da Fada das Migalhas, de Michel e de sua busca da mandrágora que canta, ressurgem sob a forma de literatura escrita - a narrativa da narrativa, o livro dentro do livro. Notamos, então, que essa metalinguagem sobre o fazer literário encontra-se estreitamente ligada à busca empreendida pelo herói, já que os últimos parágrafos do conto apresentam o livro que narra tudo o que acabamos de ler; a busca da mandrágora que canta, símbolo da unidade do paraíso, identifica-se em Nodier, com a busca da própria narrativa. Na verdade, quando Nodier se coloca, por meio das palavras do narrador, sob o signo da fada Urgande, revela-se um novo cavaleiro em busca do Graal. Urgande é a fada benfeitora de Amadis de Gaule, tendo a missão de proteger os cavaleiros, a quem aparece ora sob a forma de uma velha coberta de andrajos, ora sob o aspecto de uma jovem extremamente sedutora - logo, semelhante à Fada das Migalhas, com exceção da vestimenta em farrapos.

Essa busca de Nodier já aparece reiteradamente no prefácio de *La Fée aux Miettes*, através das reflexões do autor sobre as possibilidades da narrativa, bem como sobre a profissão de escritor e de crítico:

Je vais vous dire maintenant que La Fée aux Miettes est une sottise, afin de vous épargner trois ennuis assez fâcheux: celui de me le dire vous-même après l'avoir lue; celui de chercher les raisons de votre mauvaise humeur dans un journal; et jusqu'à celui de feuilleter le livre au

lieu de le jeter au vieux papier, pour votre honneur et pour le mien, à côté du Roi de Bohême, avant d'avoir attenté du tranchant de votre couteau d'ébène à la pureté de ses marges toujours vierges. Notez bien toutefois que je vous engage à ne pas commencer et non à ne pas finir, ce qui serait une précaution de luxe, à moins que votre mauvaise destinée ne vous ait condamné comme moi à l'intolérable métier de lire des épreuves, ou au métier plus intolérable encore d'analyser des romans! (Nodier, 1961, p. 167-8)

À primeira vista, podemos julgar que o autor é um crítico extremamente severo de sua própria obra, chegando mesmo a depreciá-la. Notamos um procedimento semelhante em uma carta de Nodier a Jean de Bry, na qual o autor anuncia a publicação do livro a que se refere no trecho reproduzido acima, cujo título completo é *Histoire du roi de Bohême et de ses sept châteaux*:

On finit d'imprimer un livre de moi dont vous entendrez avant peu dire beaucoup de mal, et qui mérite qu'on en dise tout le mal possible. Celui-là, je ne vous l'ai pas lu, et je vous saurai quelque gré de ne le pas lire, quoique bien convaincu qu'un mauvais ouvrage de plus ne m'expose pas à perdre la place que j'occupe dans votre amitié. Voici, entre nous, toute mon excuse pour cette aberration, mais c'est un nouveau bavardage qu'il faut vous décider à subir. (Apud Steinmetz, 1980, p. 62)

Em seguida, procura explicar suas idéias e transfere aos jornalistas o papel de juízes, a cujo julgamento, entretanto, se antecipa. No prefácio de *La Fée aux Miettes*, utiliza o procedimento de repetir, no início dos parágrafos, as palavras: “o que seu jornal lhe dirá..., o que seu jornal não lhe dirá...”; na carta, é bem mais contundente, atribuindo aos críticos não só a função de juízes, mas também a de carrascos incompetentes: “Quant à nos journalistes, qui le

jugeront de haut, selon leur usage, je vous suis caution qu'ils n'y verront pas plus clair que dans un livre iroquois" (Apud Steinmetz, 1980, p. 63). Desse modo, manifestando-se com ironia a respeito da crítica de seu tempo, faz uma previsão da recepção de seu texto, já que ele próprio se dedica, embora cada vez com menor frequência, ao trabalho de crítica literária.

Um trabalho, aliás, a que sempre se dedicou com carinho, ao contrário de suas irônicas palavras, pois o bibliotecário do Arsenal é inseparável dos livros. Uma estatueta feita por Louis Mennessier o reproduz calmamente sentado, lendo um livro; do mesmo modo, uma caricatura que ilustra o Panthéon charivarique o retrata com um livro sobre os joelhos, outro embaixo do braço, vários espalhados no chão e, ao fundo, uma estante repleta de volumes: "Ses lecteurs n'ont aucune peine à s'imaginer Charles Nodier quitter dédaigneusement un paradis où l'aurait admis la grâce divine sans l'avoir autorisé à y entrer avec tous ses livres, avec tous ses trésors de bibliomane" (Hofer, 1984, p. 28).

Le Bibliomane é o título de um conto de Nodier, publicado em 1831, onde Théodore, o bibliômano, adoece gravemente após ter encontrado à venda um exemplar de um volume de Virgílio de 1676 (e do qual pensava possuir um exemplar gigante), que ultrapassava o tamanho do seu em um terço de linha:

Comme il dépérissait à vue d'oeil, on appela son médecin, qui était, par hasard, homme d'esprit et philosophe. [...] Le docteur reconnut que la congestion cérébrale était imminente, et il fit un beau rapport sur cette maladie dans le Journal des Sciences médicales, où elle est désignée sous le nom de monomanie du maroquin, ou de typhus des bibliomanes [...]. (Nodier, 1961, p.504)

O escritor parece ironizar a própria imagem, isto é, o perfil que supõe oferecer a seus amigos, da mesma maneira que faz uma paródia de sua busca do livro perfeito. O bibliômano morre:

Le lendemain, nous escortâmes son convoi, à la tête d'un nombreux concours de maroquiniers éplorés, et nous fîmes sceller sur sa tombe une pierre chargée de l'inscription suivante qu'il avait parodiée pour lui-même de l'épithaphe de Franklin:

*Ci-gît
Sous sa reliure de bois,
Un exemplaire in-folio
De la meilleure édition
De l'homme,
Ecrit dans une langue de l'âge d'or
Que le monde ne comprend plus.
C'est aujourd'hui
Un bouquin
Gaté,
Maculé,
Mouillé,
Dépareillé,
Imparfait du frontispice,
Piqué des vers,
Et fort endommagé de pourriture.
Et n'ose attendre pour lui
Les honneurs tardifs
Et inutiles
De la réimpression.
(Nodier, 1961, p. 514-5)*

Trata-se de ironia, com efeito, pois Nodier apresenta sempre uma mistura de paixão e lucidez. Considera-se um bibliófilo e assinala as diferenças em relação ao bibliômano, em um artigo escrito em junho de 1842, para o Bulletin du bibliophile:

Le bibliophile est un homme doué de quelque esprit et de quelque goût, qui prend plaisir aux oeuvres du génie, de l'imagination et du sentiment. Il aime cette muette conversation des grands esprits qui n'exige pas de frais de réciprocité, que l'on commence où l'on veut, que l'on quitte sans impolitesse, qu'on renoue sans se rendre importun; et, de l'amour de cet auteur absent dont l'artifice de l'écriture lui a rendu le langage, il est arrivé sans s'apercevoir à l'amour du symbole matériel qui le représente. Il aime le livre comme un ami aime le portrait d'un ami, comme un amant aime le portrait de sa maîtresse; et, comme l'amant, il aime à orner ce qu'il aime. Il se feroit scrupule de laisser le volume précieux, qui a comblé son coeur de jouissances si pures, sous les tristes livrées de la misère, quand il peut lui accorder le luxe du tabis et du maroquin.

Ao contrário do bibliófilo que

apprécie le livre, le bibliomane le pèse ou le mesure. Le bibliophile procède avec une loupe, et le bibliomane avec une toise. J'en connois certains qui supputent les enrichissements de leur bibliothèque par mètres carrés. L'innocente et délicieuse fièvre du bibliophile est, dans le bibliomane, une maladie aiguë poussé au délire. Parvenue à ce degré fatal de paroxysme, elle n'a plus rien d'intelligent, et se confond avec toutes les manies. (Apud Hofer, 1984, p. 33)

Assim, como bibliófilo, Nodier considera o aspecto material do livro, o livro-objeto que aparece no início de *La Fée aux Miettes*, quando o narrador atira longe um *Tito-Lívio* impresso por *Elzévir* e encadernado por *Padeloup*, e sai à procura do livro ideal. Encontra-o, realmente, sob a forma de uma brochura comprada de um vendedor ambulante; entretanto, esse livro, que contaria o final da história de *Michel*, lhe é roubado “pendant qu'[il dormait] comme un enfant, plongé dans un doux rêve” (Nodier, 1961,

p. 329). Acabamos por não ter um texto definitivo, mas um texto provisório, aberto, que oferece a possibilidade de inúmeras especulaçõesⁱⁱ.

Notamos, ainda, que Michel é também bibliófilo, quando descreve a pequena biblioteca montada por sua esposa, constando de todos autores de sua predileção: “Et d’un nouveau mouvement, elle m’ouvrait un cabinet de quelques pieds carrés, où mes livres favoris rayonnaient de maroquin et d’or sur de gracieuses tablettes” (Nodier, 1961, p. 279). O bibliotecário do Arsenal não poderia deixar de fazer com que a casinha da Fada das Migalhas, encostada nas paredes de um arsenal, contivesse uma biblioteca, mesmo que em proporções reduzidas.

A materialidade do livro é, pois, para Nodier, símbolo de uma sobrenaturalidade e poderíamos dizer que de sua bibliofilia nasce a idéia do texto perfeito e eterno, conjugando os esforços do escritor, do tipógrafo, do ilustrador e do encadernador.

E em que língua deveria ser escrito esse livro definitivo? Talvez, em uma língua da idade de ouro, como aparece no epitáfio do bibliômano ou em uma “langue savante où il n’eut ni modèles ni imitateurs” (Nodier, 1961, p. 900), como o livro hermético do monge italiano, em Franciscus Columna. Com certeza, não em uma língua prosaica, pois

il faut lutter à la fois contre le prosaïsme d’une parole usée, contre la monotonie d’une création trop décrite, où les savants ne voient plus que des agrégations capricieuses de molécules élémentaires, contre la sécheresse de ce cœur de cendres que porte la société actuelle et qui ne palpite plus. Cela est difficile et admirable. Mais la poésie des choses, où est-elle maintenant sur la terre? (Nodier, 1961, p. 644)

Nodier percebe que é preciso reinventar uma língua que restitua a poesia das coisas, de modo a embalar a agonia do século, a arrancar dele um último grito de vida.

Em *A Fada das Migalhas*, além das críticas que faz ao jargão jurídico e ao jargão médico, o autor enfatiza o conhecimento que Michel detém das línguas “de tous les peuples dont le nom a été recueilli par les historiens ou les voyageurs, et qui ont écrit leur alphabet” (Nodier, 1961, p. 186); a *Fada das Migalhas*, por sua vez, “parlait toutes les langues avec la même facilité, la même propriété de termes, la même richesse d’élocution” (Nodier, 1961, p. 192). “Avec une langue, on referait un monde” (1961, p. 270), diz ainda Nodier, sugerindo que por meio da linguagem seja possível assegurar a passagem do efêmero à perenidade.

De fato, “les écrits restent” (Nodier, 1961, p. 522). Assim, mesmo que não possamos saber exatamente qual foi o segredo revelado a Michel pela *Mandrágora*, mesmo que permaneça o mistério nunca lido pelo narrador no livro roubado em Veneza, isto é, mesmo que Nodier não tenha chegado a escrever o texto único e definitivo - o livro ideal -, a linguagem escrita de seu exercício literário materializou e eternizou sua busca.

Notas

i Mais raro que um corvo branco

ii No artigo intitulado “The alchemical Magnum Opus in Nodier’s *La Fée aux Miettes*” (1983), Crichfield analisa o conto de Nodier considerando a busca da *mandrágora* que canta como uma alegoria da procura pela pedra filosofal; as etapas do aprendizado de Michel, corresponderiam às principais fases do processo de transformação alquímica.

Referências Bibliográficas

- CURTIUS, E. R. O livro como símbolo. In: ____ *Literatura européia e Idade Média latina*. Trad. T. Cabral e P. Rónai. São Paulo: Hucitec/Edusp, p. 375-429, 1996. (Clássicos, 2).
- HOFER, H. Le(s) livre(s) de/chez Charles Nodier. *Romantisme: Revue du Dix-Neuvième Siècle*, v. 14, p. 27-34, 1984.
- NODIER, Ch. *Contes*. Ouvrage organisé et présenté par Pierre-Georges Castex. Paris: Garnier, 1961.
- STEINMETZ, J.-L. *Présentation de Deux lettres de Charles Nodier*. Europe: Charles Nodier, n. 614-615, p. 3-151, 1980.